



Hipertextos educacionais: relativizando o meio eletrônico

Educational hypertexts: relativizing the electronic media

Ângela Alvares Correia Dias
angelacdias@bol.com.br
Geraldo Severino dos Santos
geraldonovo@pop.com.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo se contrapor à tendência dos educadores de generalizar a idéia de que os hipertextos são inerentes aos meios eletrônicos e, como decorrência, de que as possibilidades da interatividade se restringem aos recursos da máquina. Desloca-se, assim, o foco exclusivo nos meios para privilegiar as vinculações entre a diversidade de vozes sociais, linguagens e gêneros discursivos que se defrontam, entrecrocaram e manifestam em diferentes percursos sógnicos na construção de sentidos.

Palavras-chave: hipertexto, dialogismo, intertexto.

Abstract: This article challenges a trend in education to generalize the idea that the hypertexts are inherent to the electronic media and that, as result, their possibilities of interaction are restricted to the resources of the machine. Thus, the exclusive focus on the media is turned into a focus on the links between the diversified social voices, languages and discourse genres that encounter, clash and are expressed in different signs in the process of the construction of meaning.

Key words: hypertext, dialogism, intertext.

O avanço que observamos a respeito da teoria do hipertexto está muitas vezes associado às inovações tecnológicas e leva ao entendimento de que é necessário o meio eletrônico para que ocorra a hipertextualidade.

Nesse sentido, é determinante a contribuição de Vanevar Bush e de Theodore Nelson (Levy, 1993), que compartilhavam a idéia do hipertexto a partir do meio eletrônico. Pesquisadores vinculados à área da computação tentaram desenvolver um sistema de informações amplo, expansível e não-linear que possibi-

litasse novos processos de produzir textos, acessar e trocar informações, além da associação instantânea a outros textos – criando ramificações e conexões com novas obras. Essa forma de organização e estruturação da informação, possibilitada pelos avanços da tecnologia, passou a ser denominada hipertexto que, segundo Bush e Nelson, apontava para a revolução do nosso modo de pensar, ler e escrever na medida em que a construção hipertextual é análoga às estruturas associativas, multidimensionais e não-seqüenciais da mente humana.

Para Pierre Lévy (1993), o hipertexto é um conjunto de nós (que podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos) ligados por múltiplas conexões. Ele se caracteriza pela abertura que oferece ao leitor, permitindo que este seja co-autor do texto, construindo ele próprio a seqüência ou direção que deseja seguir, abrindo, assim, espaço para uma leitura não linear no qual o leitor/co-autor estabelece livres redes de conexões e associações, adquirindo um papel ativo. Desta forma, o hipertexto é um texto aberto, multilinear, multidimensional e labiríntico em que o lei-

tor interage com diversos discursos – palavras, citações, imagens, documentação, músicas, vídeos, etc. – produzindo seu próprio percurso textual de leitura. Esse percurso interativo com os diversos e múltiplos textos no qual o leitor realiza a passagem de um espaço textual a outro, de um fragmento a outro, de uma página a outra, gerando um texto efêmero e transitório, constitui o fundamento do hipertexto.

Há uma tendência em afirmar que as características de um hipertexto são inerentes ao meio eletrônico; no entanto, em contraposição a essa linha de pensamento que defende ser o meio eletrônico o espaço no qual se evidencia o hipertexto e a não-linearidade, deparamos com outra corrente que defende que as narrativas hipertextuais podem ser encontradas sob as mais diversas formas e manifestações. Essa concepção é defendida por Raquel Wandelli (2003), que evidencia que “o procedimento hipertextual, marcado por características como a escrita em tela, a conexão, a quebra de linearidade, a variedade de recursos gráficos, não surgiu com o computador” (Wandelli, 2003, p. 24).

Para demonstrar que o computador não determina o processo de escrita e leitura não-linear e que este pode estar presente fora do ambiente digital, a autora redimensiona a concepção do hipertexto a partir das produções literárias. Nesse sentido, em seu livro *Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar* (2003), encontramos várias citações de escritores que subverteram as escritas lineares e seqüências preestabelecidas, permitindo ao leitor fazer seu próprio percurso e, assim, concedendo aos seus leitores a participação e intervenção na estrutura narrativa. Dentre as obras citadas estão os contos de Borges, o *Dom Quixote*, de Cervantes, *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar, *O incêndio de Londres*, de

Jacques Roubaud, entre tantas outras que construíram narrativas labirínticas e multidimensionais, rompendo com a idéia de início-meio-fim predeterminado. Desde modo, o texto passa a ser entendido como produto não acabado, uma obra em construção, permitindo que o próprio leitor construa e recrie, por meio de uma complexa rede de montagem, a invenção de novos sentidos de leitura e interpretação. Esse descentramento é possibilitado pela “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à superfície formas outras de textualidade” (Xavier, 2004, p. 171).

Na realidade de uma escrita hipertextual – seja em meio eletrônico ou impresso – as fronteiras entre o autor e leitor são diluídas na medida em que o autor abandona a posse do significado do texto para consentir uma co-autoria com o leitor. Assim, o sujeito-leitor afasta-se da postura de simples consumidor e adota uma atitude emancipada e participante frente ao texto, abrindo possibilidades de produzir novos e múltiplos significados de leitura.

Essa reelaboração do texto apresenta-se como uma interação entre o autor e o leitor evidenciada tanto no momento da escrita proposta pelo autor, como no processo da leitura, no qual o leitor tem a liberdade de interagir e intervir na estrutura narrativa. Desta forma, não há uma predefinição de sentido, nem o meio pode estabelecer uma determinação da fluidez do texto, mas esta se apresenta na atitude do autor e do leitor.

A metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, pois já que ele conecta palavras e frases cujos significados remetem-se uns aos outros, dialogam e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso, um texto já é sempre um hipertexto, uma rede de associações (Lévy, 1993, p. 73).

A descontinuidade do hipertexto é inerente a qualquer meio, e nesse sentido podemos observar que não se manifesta de uma única forma de leitura – uma leitura linear – mas várias possibilidades em que seu sentido é construído no contexto da produção e da leitura do texto, num jogo de fluxo e refluxo do significado que faz do processo hipertextual um movimento sempre dinâmico de significação. Neste sentido, a univocidade do autor é substituída pela plurivocidade da diversidade das vozes sociais que são evidenciadas no hipertexto. A multiplicidade de signos na apresentação do texto também privilegia e evidencia a heterogeneidade de discursos que se entrelaçam nas redes intertextuais ou intratextuais, eliminando, assim, o tom monológico, para atingir o dialógico.

É a partir do conceito bakhtiniano de dialogismo que buscamos entender a lógica do hipertexto. O “[...] aspecto do dialogismo a ser considerado é o do diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instalam no interior de cada texto e o definem [...]” (Barros, 1994, p. 4). O texto se apresenta como um tecido determinado por fios dialógicos que se completam e se entrecruzam criando novo sentido a cada momento da observação. Deste modo, não há uma determinação do sentido; este se constrói de acordo com as ligações e articulações que cada leitor realiza. Nesse sentido, “[...] os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir” (Barros, 1994, p. 4). O diálogo bakhtiniano apresenta-se como a relação de um enunciado com outros enunciados, e cada um destes confirma, complementa ou depende dos

outros. O diálogo pode ser expresso pela paródia, pela citação ou ainda por marcas no texto que levam a aludir ou referenciar outro texto, podendo, ainda, manifestar-se em qualquer forma da expressão cultural.

A discussão da dependência ou não do hipertexto em relação ao meio eletrônico instiga-nos a discutir o hipertexto educacional. Apesar de estarmos vivenciando a introdução e disseminação de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, o modelo institucional de educação tende a resistir às mudanças advindas da sociedade. Neste sentido, independentemente do meio e dos níveis tecnológicos que se apresentem, a forma tradicional de construir o conhecimento é, na maioria das vezes, marcada pela rigidez, falta de espaço para a autonomia e criação, reforçando, assim, uma atitude do aluno marcadamente passiva e receptiva (Ramal, 2002). Neste contexto, o tempo é ocupado pela transmissão de uma grande quantidade de conteúdos programáticos escolares apresentados de forma linear, sequencial e impositiva, colocando o emissor – o professor – como propositos de mensagens e o receptor passivo diante delas; assim, o espaço interacional praticamente não existe.

A expressão da escola mostra-se, portanto, monofônica, avessa ao pluralismo e à real complexidade existente no processo cultural da sociedade, desconsiderando, assim, a polifonia, a intertextualidade e o dialogismo que permeiam as múltiplas produções culturais da sociedade.

Em contraste, observamos que a postura ativa e participativa é mais evidente no mundo literário do que no mundo educacional, na medida em que propõe uma leitura mais reflexiva do visto e vivido, rompendo a barreira “do reproduzir o conhecimento posto”, e nos incita a navegar pelo conhecimento por meio de uma con-

cepção hipertextual. Do mesmo modo que os textos literários as expressões da arte – poesia, música, fotografia, pintura, cinema, teatro – podem ser realizadas e vistas a partir do processo hipertextual. Entendemos que essas manifestações e produções culturais se compõem na relação entre a realidade vivida pelo artista, o momento social no qual esse está inserido e a realidade daquele que observa e contempla a obra, sendo que esse último também está carregado de sua história de vida. A postura crítico-interacional do sujeito envolvido no processo de produção e de leitura hipertextual expressa a atitude dialógica bakhtiniana e propõe estabelecer um ambiente no qual se institui uma polêmica interativa que busca respostas e produz novas indagações, incitando novas interpretações e enlaces que são subjetivos e dependentes da experiência e historicidade de cada leitor.

Para exemplificar a presença do hipertexto expressa pela arte, propomos analisar a canção *Pela Internet*, de Gilberto Gil (1996), na qual as características hipertextuais estão manifestas por meio da elaboração de um jogo de linguagem que ressalta a abertura polifônica e intertextual.

Ao analisarmos a primeira estrofe da música de Gilberto Gil, podemos notar que essa abertura indica o desejo de construir uma cultura colaborativa e participativa, ou seja, trocas culturais e simbólicas entre vários povos e suas identidades:

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tientes de Connecticut

No segundo bloco estrófico, Gilberto Gil elabora uma construção híbrida e associativa resultante de uma justaposição de elementos da cultura nativa – a jangada – e do moderno – a tecnologia, enqua-

drando as oposições arcaico-moderno, local-universal.

Se faz uma jangada
Um barco que veleje. Um barco que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré.

Neste navegar, a canção nos incita a nos aproximar da Internet para que possamos aprender uma nova postura, que não seja determinada nem determinante, mas que utilizemos a rede – gerada pelos novos meios de informação e comunicação – para navegarmos por múltiplos pontos, sem caminho predefinido, tecendo uma elaborada rede de fusão e entrelaçamento de múltiplos percursos e trechos como propõe a música *Pela Internet*, de Gilberto Gil: De Taipé – símbolo da resistência ao comunismo chinês – a Calcutá – na Índia com seus mistérios e culturas milenares, a Helsinque – símbolo da retomada das confraternizações olímpicas no pós-2ª Guerra e na efervescência da guerra fria do mundo bipolar. De lá para Connecticut, estado no leste dos EUA, em um país que marca o avanço das pesquisas da informática e da Internet. A Milão, ao Japão ou ao Nepal, nas imponentes cordilheiras do Himalaia, ou ainda no Gabão, na África de culturas e etnias múltiplas, e, por fim, aportar no Brasil fazendo uma alusão ao primeiro samba de sucesso gravado no país, assim dizendo:

Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na Praça Onze tem um videopôquer para se jogar

Ao utilizar o procedimento intertextual, Gilberto Gil inova com os termos “telefone celular” e “videopôquer”, realidade técnica de seu cotidiano, dialogando com a versão original que diz:

O chefe da folia
Pelo telefone manda me avisar
Que com alegria
Não se questione para se brincar

Uma outra versão desse samba que critica a repressão do jogo é assim cantada por Martinho da Vila:

O chefe de polícia
Pelo telefone
Manda me avisar
Que na Carioca
Tem uma roleta
Para se jogar...

A versão gravada por Martinho da Vila em 1973 fala da repressão ao jogo ao parodiar o samba original de Donga e Mauro Almeida (1916). Em relação à diversidade da Internet, o samba apresenta a mesma heterogeneidade da Internet na medida em que concebe a música a partir de uma miscigenação cultural, uma mistura de ritmos e sons, de sincretismo cultural que expressa a luta de uma cultura reprimida pela história de servidão.

Desta forma, a música de Gilberto Gil nos convida, como podemos observar nos versos abaixo, a romper com as barreiras, mostrando como podemos conjugar e sobrepor em um mesmo texto elementos anacronicamente dispersos, que não estão necessariamente ligados, mas que nem por isso se excluem totalmente, pois fazem parte do nosso contexto social e cultural.

Que veleje nesse informar
Que aproveite o vazante da infomaré
Que leve um Oríki¹ de meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro
em Taipé.

Nestes versos, a presença da cultura baiana com ascendência africa-

na mescla-se com a temática do tecnológico por meio da justaposição de diversos discursos que se interpenetram constituindo um conjunto pluridimensional. Essa realidade de que Gilberto Gil nos coloca é de uma visão hipertextual e rizomática. No nosso entendimento, seu trabalho brinca de forma lúdica com termos e expressões, contrapondo-se ao pensamento linear tradicionalmente adotado na postura da escola e em muitos ambientes digitais presentes na rede mundial de computadores.

A partir da linguagem musical de Gilberto Gil, podemos dizer que não é o suporte físico da rede que determina a hipertextualidade, mas esta se torna possível se utilizarmos a concepção e a lógica do pensamento em rede para que se desloque o foco dos meios, já que eles facilitam o acesso sem contudo definir a idéia do hipertexto, para privilegiar a postura do leitor frente a uma nova forma de leitura.

O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar o usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata. Aliás, qualquer leitura proficiente de um texto impresso tradicional leva sempre o leitor a lançar mão de seus conhecimentos enciclopédicos, cobra-lhe intenso esforço de atos inferenciais, preenchimento de lacunas e interstícios deixados pelo autor, até porque o texto, em qualquer superfície, não pode dizer tudo, por motivos óbvios de falta de espaço e obediência às regras do próprio jogo que constitui as linguagens (Xavier, 2004, p. 172).

Nesse entendimento, a palavra não é um ponto fixo que ancora o texto, mas é por meio dela que se torna possível estabelecer cruzamentos na superfície dos textos como *links* que fazem aflorar o diálogo de diversos textos e de diversas vozes: a do autor e do leitor, ambos inseridos em determinado contexto cultural. A ação do leitor com o texto ocorre na intervenção da leitura, preenchendo vazios e lacunas e envolvendo-se, assim, na narrativa do texto.

Kristeva (1974) nos coloca que “todo texto é a absorção e a transformação de um outro texto” (p. 64). Assim, o texto não se apresenta como uma obra original, mas está impregnado de outras obras e de outros textos permitindo a exposição das múltiplas vozes que se apresentam no embate da criação da obra. Nesta perspectiva, a leitura do texto se apresenta influenciada pelo contexto histórico-social e literário do leitor, o que permite uma atuação crítica desse e evidencia uma interação leitor – texto – autor, tornando o primeiro capaz de produzir e reproduzir idéias e conceitos. A concepção hipertextual e dialógica evidencia-se nessa relação.

A noção de hipertexto passa, assim, pela idéia de hipertextualidade como uma potência – que pode ou não ser ativada – e está embutida na capacidade de a escrita e a leitura alcançarem um espaço fluido de produção textual e agenciamento de percursos, a partir de uma base de lexias. Quando o aparato material e a história trabalham a favor dessa potência, através de recursos articulados com a paratextualidade, multilinearidade, interatividade, fragmentação e interconectividade, a hipertextualidade materializa-se no objeto hipertexto. O livro ou o computador

¹ Os Oríki (do yoruba, ori = cabeça, ki = saudar) são versos, frases ou poemas que são formatados para saudar o orixá referindo-se a sua origem, suas qualidades e sua ancestralidade. Os Oríki são feitos para mostrar grandes feitos realizados pelo orixá. Com isso, podemos deparar com Oríki feitos não somente para nossos orixás, mas para pessoas que foram grandes líderes, caçadores, governantes, sacerdotes, reis, rainhas, príncipes e todas as pessoas que em um passado distante ou recente fizeram algo importante para uma comunidade ou para o povo. Porém, para entendermos bem o significado desses Oríki, devemos ter bons conhecimentos dos orixás.

como suporte e o hipertexto como processo explodem a leitura linear princípio-meio-fim e incluem o leitor na construção da narrativa (Wandelli, 2003, p. 40).

A idéia de um espaço fluido composto de diversos signos, mensagens e representações, que seja híbrido e intertextual não pode ser limitada a uma forma de expressão técnica. Pierre Lévy nos apresenta a idéia de hipertexto de forma clara ao comparar o hipertexto à cultura. Para esse autor:

O conjunto das mensagens e das representações que circulam em uma sociedade pode ser considerado como um grande hipertexto móvel, labiríntico, com cem formatos, mil vias e canais. Os membros da mesma cidade compartilham grande número de elementos e conexões da megarede comum. Entretanto, cada um tem apenas uma visão pessoal dele, terrivelmente parcial, deformada por inúmeras traduções e interpretações. São justamente estas associações indevidas, estas metamorfoses, estas torções operadas por máquinas locais, singulares, subjetivas, conectadas a um exterior, que rejeitam movimento, vida, no grande hipertexto social: a “cultura” (Lévy, 1993, p. 185).

A expressão do grande hipertexto social nos indica que a expansão deste é uma forma da expressão e percepção individual de cada sujeito presente na sociedade e que interage com os demais. As expressões da cultura de toda sociedade é que evidenciam esta rede de relações marcada pelo confronto entre o “eu” e o “outro”. Essa inter-relação significa transformar e redimensionar o espaço da recepção como espaço de interação e transformação, modificar

os papéis de emissores e receptores para a dinâmica relacional, co-autores/criadores.

Considerações finais

Observando os princípios e as características mencionadas acima, podemos afirmar que, se, no âmbito da educação tradicional, a comunicação é definida de forma estruturada e controlada, a perspectiva hipertextual subverte a ordem linear e seqüencial concebendo a comunicação como um processo móvel, fragmentado, descentrado e indeterminado. Ao romper as regras de ordem e hierarquia, evocadas pelo modelo linear de comunicação, o hipertexto deixa mais evidente a noção de interatividade e surge como nova modalidade comunicacional, manifestando e imprimindo suas marcas em múltiplas esferas do mundo contemporâneo, em busca de uma nova dimensão. A participação ativa (interativa) implica partilhar, trocar opiniões, associar, estabelecer relações entre diferentes gêneros textuais assim como, diversas representações visuais e gráficas, tais como: textos poéticos, artigos, notícias e anúncios de jornais, cartas, telegramas, fotografias, desenhos, ilustrações, cartazes, propagandas, que expressam diferentes sentidos e percepções.

Ao observarmos que o hipertexto nos possibilita uma forma mais dialógica e intertextual de arquitetar um ambiente educacional, permitindo-nos romper com a cultura monológica expressa pelo discurso oficial da escola, torna-se necessário defender que a escola se transforme em um ambiente em constante construção e renegociação.

Diante dessa visão, este trabalho pretendeu apontar para um possível modelo de comunicação hipertextual, que se preocupe com a possibilidade para o diálogo entre diferentes vozes, para a negociação de sentidos e para a construção coletiva do pensamento, e não apenas com o fluxo das informações, sinais e códigos a serem decodificados.

Nesse sentido, propõe-se um novo olhar sobre a interatividade nos hipertextos educacionais, visando a caracterizá-los como um ambiente de aprendizagem, aberto e flexível, cuja dinâmica alegórica abre espaço para o desvelar de significados, a negociação de sentidos e a mediação dos múltiplos saberes.

Referências

- BARROS, D. e FIORIN, J. (orgs.). 1994. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo, Edusp.
- KRISTEVA, J. 1974. *Introdução à semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 199 p.
- LÉVY, P. 1993 *As tecnologias educacionais*. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- RAMAL, A. 2002. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre, Artmed.
- WANDELLI, R. 2003. *Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar*. São Carlos, Ed. da UFSC; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- XAVIER, A. 2004 *Leitura, texto e hipertexto*. In: L. MARCUSCHI e A. XAVIER (orgs.), *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro, Lucerna, p. 170-180.

Ângela Alvares Correia Dias
UnB
Geraldo Severino dos Santos
UnB